

Ex-combatentes «coloniais» ^{E = preso} 18.8.84 querem ir lutar em Moçambique

TUDO INDICA que Moçambique está a tentar o recrutamento, em Portugal, de ex-«comandos» e ex-pára-quevistas que serviram no exército colonial, para reforçar o seu esquema de luta antiguerrilha e nomeadamente para formar **tropas de elite** com a missão de neutralizar acções que vêm sendo reivindicadas pela chamada Resistência Nacional Moçambicana (Renamo).

Em contacto com Maputo, o EXPRESSO recolheu indicações segundo as quais um jornalista moçambicano que esteve recentemente em Lisboa foi portador de uma carta onde um ex-«comando» a residir na Amadora oferecia os préstimos àquele país, documento em que fazia algumas sugestões e estabelecia também o

montante da remuneração exigida. O ex-«comando», actualmente desempregado, é originário da Ilha de Moçambique e teria combatido também na Namíbia, como mercenário. Segundo o nosso interlocutor da capital moçambicana, essa carta não tinha ainda obtido resposta das autoridades do seu país.

Um noticiário produzido pela RDP ao princípio da tarde da última segunda-feira referia que Moçambique estava «a tentar contratar instrutores militares em Portugal para aumentar a sua eficácia contra os rebeldes», e, citando um ex-pára-quevista que não identificou, dizia que esses instrutores iriam receber 300 contos mensais para organizar um grupo militar em Montepuez, na

provincia moçambicana de Cabo Delgado — onde, aliás, se formavam os «comandos» no tempo da guerra colonial.

A Rádio acrescentava que tinha sido aberto um escritório para efeitos de recrutamento, em Lisboa, e mais tarde foi dito que «o responsável» por essa acção utilizava uma casa de habitação na zona da Lapa «para contactos com oficiais portugueses».

Embaixada «desconhece»

A situação não está de todo esclarecida e a Embaixada de Moçambique em Lisboa afirma peremptoriamente que desconhece o assunto. A informação obtida

de Maputo, porém, reconhecendo embora a existência de contactos com antigos «comandos» (o jornalista em causa foi, ele próprio, «comando» formado em Montepuez e operacional durante a guerra em mais do que uma «frente»), nega o carácter oficial ou semioficial que está a ser dado a essas «conversas» e atribui a paternidade das informações dadas em Lisboa a elementos que desejam, pelas mais variadas razões, ir de novo combater em Moçambique.

A mesma fonte moçambicana acrescentou que funcionam naquele país dois centros de formação de «comandos» — um em Maputo e outro na Zambézia —, utilizando elementos «repesca-

(Continua na pág. 16)

«Escritório» de comandos não responde

(Continuação da pág. 1)

dos» da guerra colonial e que as autoridades tinham considerado anteriormente «comprometidos» com o regime português. Um dos cursos funciona há quatro meses e 12 ex-«comandos» (coloniais) são responsáveis pela instrução dos novos combatentes. O jornalista que vimos citando (actualmente com um cargo de responsabilidade num diário de Maputo e que há cerca de três semanas esteve em Lisboa) disse ao EXPRESSO que fora convidado «para dar uma aula» aos novos «comandos», mas que as suas ocupações lho não tinham permitido.

A escola de «comandos» de Montepuez, por conseguinte, e de acordo com o nosso interlocutor, estaria neste momento desactivada e sem projectos de implementação.

Quanto ao «escritório» de Lisboa, a funcionar na zona da Lapa — segundo as notícias da Rádio e da Agência NP — foi-nos dito de Maputo que se situaria na Travessa do Moinho de Vento, e seria a residência do ex-pára-quevista Simões Ferreira, com o qual o EXPRESSO tentou falar telefonicamente. Mais tarde, tentando encontrar o ex-«comando» Jorge Correia Mendes, pelo mesmo telefone, referiram-nos: «Ele não mora aqui.»

As nossas fontes indicaram ainda que um ex-«comando» português estará por estes dias em Maputo, ido de Lisboa: trata-se de Nuno Branco, sobrinho de um hoteleiro de Quelimane (onde explorou o Hotel Vera Cruz) e que estará no restaurante da Facim enquanto funcionar aquela feira internacional da capital moçambicana.

Os «elementos da área da informação» de Moçambique que estiveram em Lisboa — como disse a agência NP num telex recente — não foram cabalmente identificados, mas é de admitir que não tenham passado despercebidos, tanto mais que se realizou precisamente nas instalações da Embaixada de Moçambique ao fim da tarde de 25 de Julho último por iniciativa dos jornalistas Alves Gomes e Mário Ferro, de Maputo, um «encontro» com antigos profissionais moçambicanos actualmente em Lisboa. A reunião teve como pretexto a reaproximação de jornalistas que trabalharam em Moçambique. O embaixador João Baptista Cosme, que assumiu o papel de anfitrião, defendeu que a Imprensa portuguesa passasse a prestar às relações luso-moçambicanas a atenção que elas, de facto, merecem.